

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.º JULIO HILARIO VAZ

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial - Melgaço
Proriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 21500
A N.º XIII

Melgaço, 1 de Outubro de 1958

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 176

Plano de actividade da Câmara Municipal para o ano de 1959

O sr. Presidente da Câmara teve a gentileza de nos enviar, pessoalmente, o plano de actividades da Câmara Municipal para o ano de 1959, que apresentou na última reunião do Conselho Municipal.

Agradecendo a atenção, gostosamente informamos os nossos leitores, publicando na íntegra o documento referido.

Ex.mos Srs. Vogais do Conselho Municipal:

Para cumprimento do n.º 4.º do art.º 27.º do Código Administrativo, cumpre-me apresentar a V. Ex.cias o plano de actividade da Câmara Municipal para o ano de 1959.

Seria agradável para a Câmara e sem dúvida de indiscutível projecção e utilidade para o concelho, podermos incluir no presente plano um grande número de obras de fomento.

Não basta somente o nosso labor, o nosso esforço, a nossa boa vontade; são necessários avultados ingressos. Por isso, — e com máguia o confessamos — o nosso desejo não pode ser integralmente satisfeito, pela magreza das receitas, grandes encargos e pesadas amortizações.

Iremos até onde pudermos dentro de um sã critério de economia de gastos e rigoroso equilíbrio orçamental — aliás imposto pelo déficite que a Câmara herdou.

Quatro problemas dominam, por completo, na parte de fomento, a orientação nas suas linhas mestras e a actividade camarária no próximo ano. São eles:

- Conclusão das obras dotadas, quer urbanas, quer rurais (águas, fontes, ruas, caminhos, etc.);
- Dotações de obras novas, incluindo o estudo do projecto de escolas da Vila e rurais, bem como do edificio da Caixa Geral de Depósitos;
- Abastecimento de energia eléctrica;
- Fomentar a construção civil de iniciativa particular, quer na Vila, quer nas freguesias.

Não sendo, porém, criadas novas receitas, o presente plano há-de naturalmente confinar-se à applicação real das existentes, distribuindo-as pelos sectores de mais premente necessidade.

Assim, o município propõe-se:

I — MELHORAMENTOS URBANOS:

- 1) Dar cumprimento a todos os encargos obrigatórios, amortizações e subsídios correntes;
- 2) Continuar a obra de reparação e alargamento das ruas do Rio do Porto e Velha, desta Vila, com o respectivo saneamento;
- 3) Promover o arranjo do Largo Hermenegildo Sôlhôiro;
- 4) Elaborar o projecto de sanitários públicos para homens e mulheres a construir no terreno a nascente dos Paços do Concelho;
- 5) Continuar até final as diligências para a construção do edificio escolar da Vila;
- 6) Estudo da possibilidade de instalação de uma agência da Caixa Geral de Depósitos;
- 7) Apoio integral ao estudo de electrificação da Vila e rural;
- 8) Projecto de um bairro para pobres.

(Continuação da 2.ª página)

Fornecimento de energia eléctrica

a vários concelhos do
Distrito

Entre eles Melgaço

Foi autorizada, por decreto-lei, a Empresa Hidro-Eléctrica do Couro a estabelecer, nos concelhos de Viana do Castelo, Ponte de Lima, Paredes de Coura, Vila Nova de Cerveira, Caminha, Valença, Monção e Melgaço, as linhas de alta tensão, subestação e postos de transformação necessários para o fornecimento de energia eléctrica aos concelhos interessados.

Novos Párocos Em Cristóval

No passado domingo, a freguesia de Cristóval recebeu festivamente o seu novo pároco, Sr. P.º José do Egito Vieira da Costa Ribeiro, de Viana do Castelo.

Eram nove horas quando o sr. Arcipreste, Sr. P.º Carlos Vaz se aproximava da igreja paroquial para dar posse ao novo pároco.

No adro e igreja muitos fieis.

Começa a santa missa e na altura da homilia, o Sr. P.º Carlos Vaz saudou o novo pároco e paroquianos de Cristóval.

Aos fieis pede que o estimem, o respeitem e lhe obedeam.

E' lembrado com saudade o Sr. P.º Fernando Rodrigues de Carvalho que agora parte para Roma, a formar-se em Dogma na Universidade Gregoriana.

O Sr. P.º José do Egito saudou com emoção a primeira comunidade de fieis que lhe é entregue, promete dedicar-se-lhe até ao fim da sua vida se essa for a vontade de Deus.

E começaria naquele domingo e naquela semana o seu trabalho pastoral.

(Continua na 4.ª pág.)

Pelo Grémio da Lavoura

«O povo do Concelho, porém,
tem de ser esclarecido»

O sr. Ascensão Afonso, que pelo visto é da Direcção do Grémio da Lavoura, quis responder no colega local de 21 de Setembro aos comentários que fizemos em «A Voz de Melgaço» de 15 do mesmo mês de Setembro.

Não responde coisa alguma infelizmente, e só veio comprometer mais a acção do Grémio da Lavoura, perante o público. Teve, apesar disto, o atrevimento de escrever: «O povo do concelho, porém, tem de ser esclarecido».

Como a resposta ao artigo do sr. Ascensão Afonso já vem na carta da Vila, não pomos mais na carta..., senão um esclarecimento ao «povo do concelho».

O artigo do sr. Ascensão Afonso é datado de 19 de Setembro. Pois no dia 18 do mesmo mês dizia-me um funcionário superior dos Serviços a quem o Grémio da Lavoura mandou o officio, a respeito do pedido do milho: «Vio tarde».

E porque veio tarde, conforme se escreve na carta da Vila, o consumidor pagou caro o milho por culpa moral do Grémio.

Veja-se: se o milho que agora o comércio local vende a 2\$50 é da colheita do ano passado, se o Grémio tivesse mandado vir o milho a tempo e horas, teria conseguido este preço mais cedo, mediante a concorrência; se o milho é já da colheita deste ano, o Grémio colocou-se mal, porque o povo pergunta, sendo o Grémio da Lavoura para

(Continua na 4.ª pág.)

«Aquela estrada de Fiães»

Propositadamente, deixei, para agora, este assunto, visto que os ânimos estão mais serenos e as inteligências mais esclarecidas.

Ninguém ignora os artigos de Ascensão Afonso, sobre este assunto: o seu fraseado, as suas insinuações e até os seus ataques à Autoridade.

Não venho responder-lhe, pois, julgo que a sua conduta, nesta questão, não merece resposta, apesar de, às vezes, o ter de mencionar.

Venho, única e simplesmente, fazer luz sobre as trevas que parece quererem envolver esta questão.

Tomei posse da freguesia de Fiães em Setembro de 1945, com a idade de 22 anos. Encontrei-a no estado que, sobejamente, é de todos conhecido. Imediatamente, procurei, no silêncio do meu gabinete, sem alardes, fazer alguma coisa por ela.

Estudei os seus problemas e cheguei à conclusão de que os mais urgentes eram: uma estrada e a restauração do Convento.

Fiz várias exposições, às quais Ascensão Afonso chamou cartas (até poderia chamar-lhe postais) a Sua Excelsência o Senhor Presidente do Conselho, que foram relatadas neste jornal, depois de terem sido lidas em sessão da Câmara, e até ali, ignoradas de todos.

Acompanhado da Junta, Regedor e pessoas gradadas da terra, tive vários encontros com alguns Senhores Governadores Civis, a quem expusemos a situação da freguesia, tendo, de todos, recebido lindas promessas...

(Continua na 3.ª página)

Da Vila

Setembro, 25.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

A propósito daquela estrada de Fiães, o Crispino entende dizer que não é tão pessimista como o sr. Ascensão Afonso, o pretende fazer, pois nunca descreu da sua realização, assim como também não descreu do dia em que todos os eidos, por muito escosnos e inacessíveis que estejam, serão servidos pela sua estrada.

Disse ele, Crispino, que com as comparticipações então concedidas e com outro tanto que o erário municipal entrasse, já dava para levar a dita estrada até às proximidades da Cabana, com o que quis dar a entender que a obra ainda não era para já.

Mais disse, o mesmo Crispino, que a falada estrada por onde se pretende levar era a que melhor podia servir a freguesia de Fiães, e pôde dizê-lo, pois não há muitas pessoas em Melgaço que conheçam aqueles sítios melhor do que ele, já que por Paço, Agueira, Souto-Mendo, Pousa-Foles, etc., etc., de noite ou de dia, se deslocou centos de vezes. Mas isto não o sabia o sr. A. Afonso, e aquilo deixou-o ficar no tinteiro.

E, em conclusão, se a tal estrada para Fiães vier a ser uma realidade — e há-de sê-lo, muito embora leve seu tempo... — o Crispino nunca aqui teria deixado as suas achegas para a realização da mesma?...

Claro que deixou, e uma delas, por sinal, foi aproveitada pelo sr. Ascensão Afonso, mas este senhor esquece...

Crispino

Festa do Livramento em Arbo — "Nuestros viciniños" de além rio tiveram, no pretérito dia 14, a sua festa maior, em honra de N. Senhora do Livramento. A fronteira foi franqueada; como, porém, além dos 5\$00 para a travessia do rio, era preciso dar mais 10\$00 em benefício — aliás louvável — do Hospital deste concelho... foram poucos os forasteiros que ali se deslocaram para saborear as clássicas tratadas de polvo e callos. Não que 15\$00 por pessoa, apesar da moeda estar desvalorizada, ainda é dinheiro...

Desastres à viação — Por, no pretérito dia 13, quando seguia de bicicleta, ao chegar à curva da Grova da freguesia de Paços, foi embatido no automóvel do sr. António de Lourdes do Outeiro, comerciante no lugar dos Casais, Cristóval, ficando em estado grave, recolheu ao Hospital Militar do Porto, o nosso estimado amigo sr. Abel Alves de Melo, zeloso soldado da G. F., a quem desejamos prontas e completas melhoras.

Também no dia 14, em Paderne, abalroaram duas fourgonetas, respectivamente, tripuladas pelos srs. António de Faro, talhante desta Vila, e Artur Anselmo Dantas, de Prado, de cujo embate, resultaram, felizmente, apenas insignificantes prejuízos materiais.

O milho... — Até que enfim, já há milho no Grémio da Lavoura a 2\$75, o quilo. Pena foi não se ter tomado esta medida a tempo e horas; queremos dizer: aí pelo S. João, pois nos teria evitado de pagar o indispensável cereal, durante os meses de Julho, Agosto e parte do de Setembro, a cerca de 3\$50 o quilo; mas... enfim, sempre vale mais tarde do que nunca.

Achados arqueológicos — Numas escavações que se andam ou andaram a fazer no *opidum* da Cidade, sobranceiro ao Peso, foi achada uma pia de granito e recolhida grande quantidade de tegula. A pia eventam a hipótese os pesquisadores ter servido para lavar areias auríferas, cuja hipótese tem sólidos fundamentos, pois é tradição que, há uns cem anos, um morador do lugar, procedendo a umas escavações, encontrou ali uma ânfora cheia de palhetas de ouro.

E quem nos diz agora a nós que aqueles "companheiros" mencionados no célebre monumento-funerário de Paderne, levado pelo sábio dr. J. Leite de Vasconcelos para o Museu Ethimológico de Belém e que o mesmo sábio eré ser originário da Cidade, não são os pesquisadores de ouro que aqui actuaram...?

Quem nos podia esclarecer era o nosso amigo Pento, que fez o falado monumento-funerário, se há uns mil e quinhentos anos não tivesse sido reduzido a cinza... Assim, paciência...!

Pró igreja matriz — Vão muito adiantadas as obras do forno novo da nossa igreja matriz, principalmente de carpinteiro, faltando apenas assentar as últimas molduras, o que terá lugar ainda este mês, e podendo-se dizer já que fica obra linda e valiosa. Entretanto, vejamos a lista dos subscritores de hoje:

Plano de actividade

(Continuação da 1.ª página)

II — MELHORAMENTOS RURAIS:

- 1) Incrementar a construção das escolas nas freguesias que delas careçam, e em especial naquelas que facultem terreno;
- 2) Pedir comparticipações para abastecimentos de águas e intensificar os trabalhos dos já comparticipados;
- 3) Promover, dentro do Plano de Fomento, a elaboração dos projectos para estradas incluídas no período de 1959-1963:
 - a) Rectificação e pavimentação da estrada de Sá-Paços;
 - b) Iniciação dos trabalhos da estrada de Fiães e S. Paio, logo que comparticipadas;
 - c) Remover as dificuldades dos terrenos para a construção da estrada de Couso;
 - d) Estudo dos projectos para as estradas de Várzea Travessa-Rodeiro e Castro Laboreiro-Portos.
- 4) Conceder às juntas de freguesia subsídios para pequenas reparações urgentes de escolas, caminhos, fontes, etc.;
- 5) Arranjo do Largo de S. Gregório, freguesia de Cristóval.

Melgaço, 5 de Setembro de 1958.

O Presidente da Câmara,

Transporte anterior	3.947\$00
D. Maria de Lourdes Araújo	10\$00
D. Albina Passos de Almeida	30\$00
D. Isaura Marques	20\$00
D. Maria de Fátima Cardoso	5\$00
D. Maria da Conceição	10\$00
D. Maria do Carmo	10\$00
D. Maria Olinda G. de Melo	20\$00
José de Freitas	4\$50
Sr.a Adozinda (pobrezinha)	1\$50
Sr.a Irene	5\$00
Sr.a Aurora	2\$50
Sr.a Rosa	2\$00
D. Rufina Pinto	5\$00
Anónimo	20\$00
Aduzindo Tábuas	20\$00
D. Maria Esménia Igrejas	20\$00
José de Castro	20\$00
João M. de Sousa Lima	50\$00
Oscar Marinho	20\$00
Mons. João Fernandes Moreno	20\$00
Anónimo	50\$00
Arlindo Vilas	30\$00
Manuel Contente de Sousa	20\$00
António Alves	20\$00
Dr. Sérgio da Silva Saavedra	50\$00
D. Maria Cristina B. de Almeida	20\$00
A transportar	4.432\$50

E, por hoje, graças a Deus! Que Ele pague a tantos e tão generosos benfeitores.

O tempo e a agricultura — Está a fazer um tempo soberbo para a agricultura — uma verdadeira bênção que está a cair do Céu.

Já há por cá quem venha emborcando verdasco da nova colheita; à falta de melhor purgante...

No entanto, devido à prolongada e forçada abstinência a que muita gente foi constrangida, esta precipitação justifica-se.

— Agora, aos interessados, lembramos que em Outubro podem semear: — aipo, alfaces de inverno, betarraba para salada, cebolas, couves diversas (especialmente repolhos) ervilhas, favas, nabos, rabanetes e salsa. Também podem semear: — giestas, penisco, tojo, luzerna, sanfeno, carrajó, sarradela, trevo e tremoços.

— Plantam-se árvores de toda a espécie; recolhe-se o mel e a cera; iniciam-se as sementeiras de trigo, aveia, centeio e cevada e nos lugares quentes e abrigados já se podem plantar morangueiros.

Sol na eira e chuva no nabal em Outubro seria o ideal.

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

DELEGAÇÃO DE MELGAÇO

A Comissão Administrativa da Delegação da Liga dos Combatentes da Grande Guerra nesta Vila, solicita a todos os seus associados combatentes, para comparecerem, logo que possível, na Secretaria do referido Núcleo, sito provisoriamente na Estância Termal do Peso, em qualquer dia das 9 às 12 ou das 15 às 20 horas, a fim de tomarem conhecimento das regalias que ultimamente foram concedidas a todos os combatentes da Grande Guerra e das Campanhas do Ultramar, pelas Instâncias Superiores e ser-lhes tomado o número do seu Bilhete de Identidade.

A mesma Comissão Administrativa, recomenda novamente aos sócios combatentes que ainda não possuem o Cartão de Identidade do Modelo D/82 aprovado pelo Ministério do Interior — Diário do Governo n.º 118 de 23.5.1945, a necessidade de o requisitar no mais curto lapso de tempo na referida secretaria do Núcleo, bastando para isso apresentar 3 fotografias, tipo pass.

A Comissão Administrativa

Rouças, 28

Da Quintá, retirou para Lisboa o nosso querido amigo e assinante Sr. Manuel Gonçalves, digno sargento da Marinha, acompanhado de sua esposa e filha.

Ao querido amigo, que na sua missão já tem percorrido as cinco partes do mundo, o nosso abraço de despedida.

— Chegou ao Crasto, acompanhado de sua prendada esposa, sogra e filha, o nosso amigo António Fernandes, digno Funcionário da Carris de Lisboa.

— Foi hoje a sepultar no cemitério de Rouças a Sr.a Josefa Alves, de Meganças. Paz à sua bela alma.

O funeral foi muito concorrido.

A casa de sua mãe, na Aldeia, acompanhado de sua gentil senhora, chegou o nosso amigo e assinante Sr. Manuel Fernandes, digno funcionário da Polícia Judiciária de Lisboa. O nosso abraço.

Também na sua casa no lugar dos Peres continua o nosso bom amigo e assinante, Agostinho de Sousa, que de Lisboa veio com sua querida esposa e filha.

«Aquela estrada de Fiães»

(Continuação da 1.ª página)

Com o actual Presidente da Junta, Sr. Domingos José Domingues, desloquei-me em 1952 a Viana do Castelo, junto do Ilustre Director dos S. de U. do Distrito, Sr. Eng.º Valença, que foi muito amável em nos receber e, nos mostrou o traçado que iria por Rouças. Fizemos-lhe ver os inconvenientes deste traçado e saímos do Gabinete de Sua Ex.ªcia um pouco desencontrados nas opiniões.

Com o Sr. Dr. Júlio Esteves, nessa altura meu Amigo e Presidente da União N. Concelhia, fui a Braga estar com o Sr. Dr. Elísio Pimenta, então deputado pelo nosso Distrito, a solicitar a sua ajuda junto dos Poderes Centrais e do Sr. Eng.º Valença, a fim de fazer ver a conveniência em ser alterado o traçado.

Nunca procurei honras, mas em Setembro de 1954, fui abordado pelos Srs. Drs. Carlos Rocha e Júlio Esteves, para fazer parte da Câmara.

Recusei; mas depois de muita insistência, acabei por aceitar, somente, tendo em mira o bem que poderia trazer para a freguesia e Concelho. Ainda conservo em meu poder a carta que o Sr. Dr. Júlio Esteves me enviou, felicitando-se e felicitando-me.

Durante o tempo que estive na Câmara, trabalhei o mais que pude para transformar em realidade os planos que fizera em 1945.

Desloquei-me a Lisboa, juntamente com o Sr. Vice-Presidente da Câmara, Prof. Pinho Gonçalves, que, acompanhados do deputado Sr. Dr. Elísio Pimenta, fizemos várias diligências, junto dos Ex.ªmos Srs. Directores Gerais dos Serviços de Urbanização e Monumentos Nacionais, por quem fomos amavelmente recebidos, sobre a estrada e o Convento.

Na Câmara, existem vários Offícios em que nós expusmos a conveniência da estrada ir por onde hoje, está marcada, até que em 1956 foi recebido um Offício dizendo não ser viável Fiães ter duas estradas.

Novamente insistimos no meu parecer.

Depois, na melhor das intenções, propus, o levantamento do projecto do Convento até à Adedela.

Surgem os artigos violentos de Ascensão Afonso, no "Notícias de Melgaço".

Reproduzi-los, seria fastidioso, contudo, quero chamar a atenção dos leitores para um publicado no referido jornal em 20 de Janeiro de 1957.

Entre outras coisas diz: "Enquanto tiver forças e unhas, não serão as ironias de alguém que me afastarão de pugnar pela verdade e pela justiça, pugando pelos interesses de Fiães e do seu povo e nomeadamente do povo do Rio, que também é de Fiães". (Parte do sublinhado é meu). Isto foi escrito por Ascensão Afonso, acerca do traçado por ele preconizado: Cavaleiros, Paço, Agueira, Soutomendo, Adedela e de Soutomendo, sairia um ramal ao Convento.

A minha opinião acerca do traçado, era diferente, e, era a seguinte: Cavaleiros, Paço, Cabana, Agueira (minério), Vila do Conde, Candosa, Convento e daqui seguia por Soutomendo à Adedela.

Com a entrada, para a Câmara, do Sr. Dr. Júlio Esteves, já, de relações cortadas comigo, e, a instâncias de Ascensão Afonso, o Sr. Presidente mudou de opinião e perfilhou a daquele Senhor.

Aparece um abaixo assinado, que seguiu o seu destino. Fiquei-me. Sôzinho inicii a batalha e sôzinho a havia de terminar. Do conflito, resultou a vistoria "in loco" dos, Sr. Eng.º Valença e outro colega de Lisboa, por causa das sugestões apresentadas.

Todos sabiam disto, menos o pároco e então vereador da Câmara. Contudo, dias antes, recebi um telegrama do Sr. Eng.º Valença, comunicando-me a sua vinda e pedindo a minha comparação.

Por várias razões que ignoro, foram marcadas mais duas datas. No dia e hora marcada, comparei e deixo em silêncio o que, nesse dia, nos bastidores da Câmara se passou...

Saímos de Melgaço acompanhados de muita gente, da parte do Rio, que, aí convite do Sr. Presidente da Câmara e Ascensão Afonso, aí se deslocou.

Tendo chegado ao lugar da Cabana, como os Srs. Engenheiros desejassem vir pelo Convento, chegou-se; a mim, o Sr. José A. Esteves (o Pequeno) e pediu-me um favor. Atendi-o e seguimos viagem. Ainda estou a ver a tristeza estampada no rosto daquele prudente Senhor!

Fomos pela Agueira, Soutomendo e Adedela. Aí chegados, tendo os Srs. Engenheiros puxado pela planta topo-

GRI... GRI... GRI

Dei a volta ao mundo, lentamente, em bicicleta sem motor, e daí, a interrupção dos meus escritos.

Chamam a nossa atenção para a falta de limpeza de certas ruas da nossa vila, com o fim talvez de que eu vá zurzir o encarregado de tal serviço, o que não acho justo. Se ele está presentemente com o vencimento da época em que o quilo de bacalhau custaria quinze tostões, como exigir perfeição em tal serviço?

O carro em que o lixo é transportado dá-nos uma péssima impressão.

Ficaria como recordação dos mouros?

Quanto à escola, com acerto prega o sr. Dr. Varela Seixas.

Visto a população escolar exigir uma escola de 5 a 6 lugares, não é necessário recorrer à Engenharia para escola do local.

Um cego, mesmo apalpando, vê que era ao fundo daqueles campos que devia ser construído o edificio, abrindo-se depois uma avenida até à garagem.

Além de bem servir a população escolar, embelezaria grandemente a vila, pois ficaria com a frente para a estrada nacional.

Cremos bem que o actual Presidente da Câmara, inteligente e activo, como dizem ser, não perderá a oportunidade de perpetuar o seu nome pela construção do aludido edificio no local indicado por toda a gente de bom senso, como perpetuado ficou o do Hermenegildo Solheiro, pela construção dos Paços do Concelho e do Dr. Durães, entre outros melhoramentos, pela Avenida, em volta da vila.

GRILO

MILHO

BRANCO E AMARELO

Vendem qualquer quantidade ao melhor preço do mercado

de Arménio de Oliveira & Filhos, L. da

Apartado II — MOGOFORES

Telef. 274 (Anadia)

gráfica disseram que aquele traçado estava condenado por três razões: I) As estradas dos Serviços de Urbanização são obrigatórias à sede da freguesia e dali aos restantes lugares; II) Ser, por ali, maior distância; III) Os montes são servidos pelos Serviços Florestais.

Bastante discussão e regressamos ao Convento, e daqui a Melgaço.

Pergunta-se: Quem estava e está "Pela Verdade e pela Justiça"?

A resposta foi dada pela Direcção Geral dos Serviços de Urbanização de Lisboa, mandando levantar o projecto, por onde eu o tinha idealizado.

Eis a minha actividade acerca da estrada de Fiães e o meu despretençoso depoimento.

Daquilo que acabo de expor, afinal, há, só, duas Entidades que estão de parabéns: o Ministério das Obras Públicas e a freguesia. Aquele, (o Ministério) porque desde a primeira exposição até à conclusão do processo demonstrou cabalmente que estuda os problemas com objectividade e sem demoras, com o único sentido de bem servir, aceitando todas as sugestões, como foi o caso, do abaixo assinado, orientado por Ascensão Afonso, que não pode aceitar; e a freguesia também está de parabéns, porque tendo votado em Salazar, sem voto contra, apesar da propaganda deletéria da Oposição, recebeu um grande benefício.

Padre Manuel Lourenço

Por Paderne

Falecimento — No passado dia 24, faleceu (confortada com os Sacramentos da Santa Igreja, na sua residência do Lugar do Convento), a Sra. Maria Pereira, casada, de 71 anos.

Era mãe amantíssima das Sras D. Joaquina, Pura e do nosso amigo Sr. Manuel Pereira, digno Guarda Fiscal em serviço nesta vila.

O seu funeral realizado no dia seguinte foi bem uma demonstração de pesar, pois nele se incorporaram muitas pessoas de ambas as camadas sociais.

A urna foi conduzida desde a sua residência para o cemitério local por praças da Guarda fiscal, amigos e camaradas de seu filho.

Paz à sua alma e à família enlutada os nossos sentimentos.

Viajantes — Acompanhada de seus queridos filhos menina, Belarmina de Fátima, aluna universitária e Camilo, aluno do 3.º ano de liceu tivemos o prazer de cumprimentar a Sra D. Firmiana Nunes Esteves, esposa amantíssima do nosso particular amigo Sr. Jerónimo Cândido Esteves, meu Digno Cabo da Guarda Fiscal em serviço na Secção da Póvoa de Varzim.

Que a sua estadia entre nós lhe seja agradável, são os votos sinceros do (C).

Adão J. Marinho

MELGAÇO

Vende milho continental branco a 2850 o quilo.

Vende-se

—Uma quinta com boa casa de senhorio e caseiro, toda murada, 2 carros e meio de cereais, 6 a 9 pipas de vinho, pipa e meia de azeite, duas matas com pinheiros de corte, muita fruta (laranja e tangerina).

Preço sujeito a oferta — 250 contos.

—Uma quinta com casa de senhorio e caseiro, pagando 5 carros de renda, 10 a 12 pipas de vinho, mato e lenha com abundância.

Preço sujeito a oferta 290 contos.

Além destas, muitas outras desde 60 a 1.000 contos.

—Um prédio urbano, novo, boa construção, isento durante 6 anos, alugado parte a comércio e parte a habitações, rendendo mensalmente 3.200\$00.

Preço 570 contos, sujeito a oferta.

—Outros prédios desde 90 a 1.000 contos, tanto para rendimento como para habitação.

BANDEIRA, SANTOS & BARROS PEREIRA, L. DA

Telef. 3754

Rua de Nossa Senhora do Leite, 4 — BRAGA

Novos párocos

(Continuação da 1.ª página)

Ao Senhor P.e José do Egito, o nosso abraço e ao bom povo de Cristoval, as nossas felicitações.

Na Gave

No sábado passado, 27, tomou posse como pároco da Gave, da respectiva paróquia, o Sr. P.e Arnaldo Fernandes, de Tangil.

É um novo, que este ano concluiu, o seu curso, que fez com muito brilho. Ainda, há pouco, a sua freguesia natal se uniu a sua reverência para o aclamar na missa nova.

Veio agora para a Gave. A Gave, há já muitos anos que esperava ansiosamente o seu novo pároco. Talvez uns dez. — Faltavam-lhe porém muitas coisas: — a casa, aprestamento de direitos paroquiais e a aquisição de uns terrenos para passal, sobretudo.

Tudo fizeram. E sempre com muita dedicação e entusiasmo.

Pois agora receberam no meio da maior alegria o seu novo pároco, nada faltando: — flores, festões, arcos, as autoridades e povo.

Lá estava o Sr. P.e António Domingues, de Parada do Monte, que até àquella dia era o seu desvelado pastor.

Pela manhã de sábado, o povo foi até aos limites da freguesia, acompanhado das suas autoridades.

Ao alto-falante, o Sr. P.e António ia dando as suas instruções.

A banda de música de Riba de Mouro acompanhava o novo pároco, tocando marchas.

O fogo, com grande profusão, anunciava ao largo e ao longe a alegria do povo da Gave.

E eram umas 10,30 horas quando o novo pároco chegou aos portões da igreja.

O Sr. P.e António Domingues saudou o novo pároco e entregou-lhe a estola e as chaves.

Presente, o rev.do Arcebispo, Sr. P.e Carlos Vaz.

O povo chorava, comovido. É que se rejubilava com a vinda do novo pároco, senão a saída do Sr. Abade de Parada do Monte.

Na Casa paroquial, procede-se à bênção do edificio e logo se volta para a igreja, onde o Sr. P.e Carlos Vaz apresenta o novo pároco ao povo da Gave, dando-lhe a respectiva posse.

O Sr. P.e Arnaldo, novo pároco, agradece, prometendo dedicar-se, com todo o seu entusiasmo de pastor aos seus paroquianos.

É dada a bênção do S. Sacramento. O povo canta, canta e chorava. Já tem o seu Pastor. Acabou a sua orfanidade.

Felicitemos o povo da Gave pelo seu trabalho e dedicação.

Foram loagos os anos de espera. Mas o bom Deus premiou-os com a sua bênção e o seu pároco.

Novo professor

Foi nomeado professor oficial da freguesia da Gave o irmão do Sr. P.e Arnaldo, o que muito vem beneficiar a actividade pastoral do Sr. P.e Arnaldo.

As nossas felicitações.

Sociedade

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos: — Hoje os srs Domingos Ladislau Alves e Salvador dos Anjos Soares; amanhã a s.ra D. Aurora Augusta de Melo; no dia 3 a s.ra D. Carlota de Sá Vilarinho Dantas e o jovem Carlos Alberto Soares; no dia 4 a s.ra D. Maria da Conceição Lopes Pereira; no dia 5 a s.ra D. Glória de Lourdes Alves Moraes o sr. Manuel José Salgado Júnior; no dia 6 o sr. Fernando Correia de Paiva; no dia 7 a menina Esperança da Glória Gomes de Sousa e o sr. dr. Pedro Augusto dos Santos Gomes; no dia 8 a s.ra D. Olimpia Rodrigues de Almeida; no dia 10 os srs Alpidio Gonçalves da Antónia Fernandes; no dia 12 a s.ra D. Rosa Herminia Rodrigues Pereira e Mestre José Eugénio Gonçalves Pereira; no dia 13 o menino Manuel Pinto da Silva; no dia 14 o sr. Manuel José Gomes de Sousa; no dia 15 o sr. Gaspar Octávio Passos de Almeida.

P.e MANUEL RODRIGUES

Na intimidade da sua família e de alguns amigos, celebrou, no dia 20, as suas bodas de ouro sacerdotais o Sr. P.e Manuel José Rodrigues, de Fiães, sacerdote muito distinto do nosso concelho e por todos muito estimado.

«A Voz de Melgaço» que teve sempre no Sr. P.e Rodrigues, um grande amigo sauda o sacerdote exemplar e muito querido e deseja-lhe muitas felicidades.

— De Viena de Austria, aonde foi assistir ao Congresso Católico Mundial da Pax, regressou a S.ra Dra

Maria Manuela, de Penso, muito digna Directora do Colégio de Monção.

— Encontram-se no nosso concelho, em Fiães e em Parada do Monte, dois srs. engenheiros que estão a levantar as plantas das novas estradas ilicrestais de Fiães a Alcobaca e de Parada do Monte à Gave, ligando esta com a de Riba de Mouro.

Ainda bem, pois dentro de pouco já teremos todas as freguesias do concelho ligadas com estradas.

— Todo o concelho sentiu a tragédia de Paris, em que dois trabalhadores do Soajo foram mortos pela Policia daquela cidade. Toda a eclónia portuguesa acompanhou, com emoção aquella tragédia.

A Voz de Melgaço pede uma oração pelas almas dos inditosos dois portugueses falecidos.

— Ao ferido, também o acompanhamos com votos de melhoras.

DR. CAULINO P. DE ALMEIDA

No nosso penúltimo numero, por deficiente informação, dissemos que o Sr. Dr. Vítor Manuel Caulino Passos de Almeida, se encontrava em casa do sua Avó nos Esparizes. Tal noticia carece de fundamento, porquanto Sua Ex.cia desde a sua formatura, que teve lugar em 31 de Julho próximo passado, ainda não veio a Melgaço.

PRADO, 25

Andam hiltres no povoado de... — Na noite de 12 para 13 do corrente, audaciosos estupos, perdão, audaciosos ladrões — já que aquele furta e este rouba, o primeiro não emprega a violência, o segundo sim — com um pé-de-cabra arrombaram uma porta do estabelecimento do nosso amigo sr. Aurélio Augusto Domingues, da Serra, roubando-lhe de determinada gaveta 10.000 pesetas e cerca de 800\$00 em moeda portuguesa.

O tratante, quem quer que ele seja, não deve ser estranho à freguesia... viu o diabinho... cubiçou-o e... da, pela galada da noite, o seu abominável tour de force. Quem será o atrevido?

Consola-nos a esperança de que se o patife conseguir escapar à justiça dos homens, não conseguirá escapar à justiça de Deus. Disso pode o refinadíssimo malandro ter a certeza certa.

Que se nos perdoes a falta havida.

MANUEL A. SAN PAYO

Com sua família, encontra-se em férias na sua casa de Barata, o nosso querido amigo e distinto fotógrafo de Lisboa, sr. Manuel Alves San-Payo.

Pelo Grémio da Lavoura

(Continuação da 1.ª página)

benefício do lavrador, como é que vende mais caro do que o comércio, que auferre lucros do negócio?

Fica esclarecido o povo do concelho do «Bom senso e acção» do Grémio da Lavoura, no caso do milho.

Agora se pode perguntar de novo: e não será campanha tendenciosa da Direcção do Grémio para desacreditar o organismo corporativo junto do povo?

E, se não é esta a razão, perguntaremos ainda: por que o lavrador estar sujeito a estas levandades da Direcção do Grémio da Lavoura?

E, agora, também um esclarecimento ao sr. Ascensão Afonso, em resposta às perguntas que faz.

O celeiro dos Arcos foi inaugurado há poucos dias, e o Grémio da Lavoura dos Arcos não esperou a construção do celeiro para vender milho, mais em conta, quando escasseou no mercado.

É uma questão de espírito de bem servir. Não é de celeiros.

Na Barca, por ex. o celeiro está numa casa particular... Mas, o peor, neste artigo, do sr. Ascensão Afonso é que, sendo da Direcção do Grémio da Lavoura, não lhe conhece as funções.

Diz a lei 1.957 na Base III: «Os Grémios da Lavoura têm os fins seguintes: g) Possuir armazéns, celeiros».

Que ignorância a do sr. Ascensão Afonso, atrevidamente lançada a público!...

Quanto às outras perguntas bem se vê que o sr. Ascensão Afonso não está à vontade, continua a desconhecer o que os oradores da última campanha eleitoral exigiram dos que trabalham nos organismos Corporativos, e ignora que são os Grémios da Lavoura que «representam» e «tutelam» oficialmente a Lavoura local.

Se o sr. Ascensão Afonso estivesse calado tinha desprestigiado, em menor escala, a acção do Grémio. Assim, obrigou-me a esclarecer «o povo do concelho».

J. D.

Com o nome de Maria Teresa, foi baptizada, na igreja paroquial desta freguesia, no pretérito dia 14, uma filhinha do sr. Carlos Alberto Alves e de sua consorte s.ra Isaura Elias de Sousa, de Santo Amaro. Foram seus padrinhos o sr. Claudino Augusto Rodrigues e sua esposa, s.ra D. Amélia da Cunha Sotto Mayor Martins Rodrigues.

—Honrou-me com a sua sempre desejada e agradável visita o sr. Anibal Amadeu Lopes Pinheiro, de Lisboa, que nesta passou escassos 5 dias.

—Também por aqui fez meteórica passagem o sr. Laíslau de Barros Pinheiro, bemquisto representante comercial da praça de Lisboa.

—Com sua esposa, retirou para Lisboa o sr. António Perfeito Soares, probo comerciante naquela cidade.

—Também retiraram para Lisboa a s.ra Pureza Carolina Camanho de Carvalho, empregada da Companhia dos Telefones, da mesma cidade, e menina Maria Leonor Gomes e o jovem António Bernardino da Silva Camanho de Carvalho.

—Igualmente esteve nesta freguesia o nosso velho amigo sr. Bernardino Camanho de Carvalho, honrado comerciante em Lisboa.

—E agora, para concluir, só mais uma noticia, mas esta é sensacional — uma noticia de arromba, como se diz-se em português familiar:

Pois acaba de ser adquirida, por 150 contos, para Residência Paroquial desta freguesia, a magnifica vivenda, com seus rios de pomar, jardim, horta e vinha, alguns móveis, vasilhas e utensilios domésticos e agrícolas, etc., do sr. tenente Fernando José Lopes, sitta no Outeirão, o «coração da freguesia» cuja Residência fica a ser a melhor, do Arcebispo.

Pode, pois, Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, nomear para aqui pastor próprio, que já tem onde se abrigar, onde cultivar os seus legumes e, uns anos pelos outros, onde colher duas pipas e meia de bons vinhos.

São, pois, 150 contos que a respectiva Comissão vai ter que desembolsar, de cuja importância só poderia contar com uns 30 contos, que tanto lhe poderia render o local e a residência começada no Cerdedo; o resto... urge que todos os pratuenses — mas todos, ricos ou pobres, remedeados ou não, presentes ou ausentes — entrem com ele.

Amigos! dividas são dividas, e tarde ou cedo, dum ou outra maneira, há que pagá-las. Portanto, paguemos nós a nossa!... —C.

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.ª JULIO HILARIO VAZ

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial—Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada»—Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAS

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XIII

Melgaço, 15 de Outubro de 1958

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 177

Morreu o Santo Padre Pio XII,

a quem tive a honra de beijar a mão

Foi em 23 de Julho do ano corrente. A Basílica de S. Pedro vai-se enchendo de peregrinos para a audiência geral de quarta-feira.

Estamos entre os peregrinos de todo o mundo, e por amabilíssima deferência de pessoa amiga nos primeiros lugares.

Descrever a apoteose de milhares e milhares de fiéis, que enchem a maior igreja do mundo, é impossível.

Expressar a nossa alma, as suas emoções, quando Pio XII lançou sobre nós a Sua bênção, não é fácil.

E quando O ouvimos em língua portuguesa?... Mas, só o silêncio é eloquente para comunicar o júbilo com que beijei a mão de Pio XII!

Beijei a mão do Vigário de Cristo, a mão de Cristo vivo no meio dos homens!

Como recordo a Sua excelsa figura — gigante e cordeiro, Mestre e Discípulo —, tão terna e tão carinhosa! Pio XII — Pai da Cristandade, Pastor Supremo — morreu!

Morreu em 9 do corrente. Para os habitantes de Roma foi o salvador da cidade, na última guerra; para o mundo, o arauto da paz; para os homens, a trombeta da justiça e o canto do amor!

Por isso, os protestantes, os judeus e, até, os chefes comunistas (estes, os da Itália) teoraram os maiores louvores a Pio XII e à sua obra.

Com um grande jornal belga, diremos:
— Choramos um Papa, choramos um pai...

Defesa Civil do Território

A resolução de problemas de âmbito nacional exige sempre uma forte vontade de independência perante as influências subjectivas ou de cooperação, a que toda a gente, humanamente, está mais ou menos sujeita. Além do mais, exige sobretudo entusiasmo da parte de todos os colaboradores, porque, como a tradição afirma, as obras podem falir por esta ou aquela razão mas, em quaisquer circunstâncias, isso sucede sempre quando não está presente o fogo vivificante do entusiasmo.

Eis porque ao problema da Defesa Civil do Território se apresentam certezas de resolução vitoriosa e sentada. É grande o entusiasmo de todos os que trabalham na sua expansão, todos dominados pela ideia de construir da maneira mais útil, uma D. C. T. verdadeiramente eficiente.

D. C. T. — A colaboração de cada um para a protecção de todos nós!

Disponha em sua casa de armas para combater incêndios:

Baldes e pás para remover as bombas incendiárias. Um extintor de incêndios, se possível.

Um adaptador de mangueira para as torneiras interiores.

Uma boa mangueira de mão. Uma escada em condições. Baldes de areia e de água, distribuídos pela casa.

Os povos sofrem, muitas vezes, cataclismos em tempo de paz. Essas tragédias colectivas só podem ser minoradas mobilizando todos os meios de defesa da Nação. Mas o esforço e a abnegação

Continua na 4.ª pág.

Duplo Dever

No domingo, dia 19 de Outubro, do corrente ano, celebra-se em todo o mundo o Dia das Missões.

Quantos Bispos e chefes de circunscrições missionárias têm os olhos postos nesse dia, na esperança de receber da Obra da Propagação da Fé um auxílio substancial, que lhes permita iniciar ou continuar alguma obra de vital importância, nas terras que lhes estão confiadas.

Mas depende principalmente do empenho dos sacerdotes a celebração conveniente e zelosa deste Dia das Missões, para que se realizem ou não, as esperanças desses Bispos, que trabalham e lutam nas primeiras linhas, em terras de infieis. Vamos todos em seu auxílio, sacerdotes e fiéis, nós que já temos a felicidade de possuir a Fé cristã e o conhecimento do verdadeiro Deus. É um dever cristão, e para nós portugueses é também um dever patriótico.

Como católicos, que somos, não nos é permitido ser meros expectadores dos trabalhos e dificuldades, com que se vêem a braços os que andam pelas Missões; devemos ser protagonistas nesta empresa difícil da conquista espiritual do mundo para Cristo e concorrer na medida das nossas possibilidades para a extensão do Reino de Deus sobre a terra. Somos católicos, somos membros da Igreja, devemos sentir-nos vinculados aos seus triunfos e vicissitudes, às suas necessidades e preocupações universais.

A Santa Igreja tem o dever de pregar o Evangelho a todos os povos e de colocar ao alcance de todos os homens os meios ordinários de salvação eterna. E deve fazê-lo sem demora, porque as forças do mal procuram avançar assustadoramente,

(Continua na 2.ª pág.)

Conheçamos a nossa terra

LXXXIX

Mosteiro de Santa Maria de Fiães-10

(Atrasada na redacção)

Continuamos no ano 1183. Vimos no artigo da quinzena anterior um documento deste ano, sem dia nem mês exarados. Suponho ser anterior aos que vão seguir por ser o último em que se menciona o fidalgo D. Sueiro Aires em Valadares. O documento é de outorga ao abade D. Fernando. Aparece-nos do mesmo ano outro documento a 30 de Junho ao abade D. Martinho e outro em Setembro de nove ao abade D. Fernando, ambos com a menção do novo *tenente* de Valadares D. Paio Soares. O que não se compreende é como em Dezembro de 1182 fosse abade ainda D. João, antes de meados de 1183 D. Fernando, em 30 de Junho D. Martinho e em Setembro de novo D. Fernando. É possível que o documento já referido seja posterior ao mês de Junho e o notário citasse D. Sueiro Aires distraidamente levado pela força do hábito, tanto mais que ele foi senhor de Valadares para cima de trinta anos. Também pode acontecer que o documento de 30 de Junho não seja de 1183, mas de outro ano posterior, ficando assim ligado o governo do abade D. Fernando, admitindo-se a hipótese de erro na era expressa que é M.CC.XX.I., acrescentando a circunstância de mencionar apenas o rei D. Sancho, que, embora seu pai o associasse no governo da Nação nos últimos anos do seu reinado, só adquiriu a plenitude real em 1185 pela morte de D. Afonso Henriques.

O documento de 30 de Junho é um acordo entre os moradores da vila de Melgaço e o mosteiro de Fiães. É preciso fazer-se justiça ao patriotismo dos monjes, muitos dos quais vertiam o sangue nos campos de batalha em defesa da honra da Pátria.

Após o desastre de Badajós, D. Afonso Henriques teve de evacuar as terras ocupadas em Galiza. Iam-lhe pesando os anos e mais os achaques resultantes de tanto esforço dispendido. Como bom rei, para consolidar os limites de seus estados ao correr do Minho, ergueu o castelo de Lapela, de que se conserva ainda a torre de menagem.

Em travessia estratégica do rio, fazia frente a Tui e Pontevedra. Mais ao norte, aproveitando restos de um antigo centro populacional chamado Melgaço, onde possivelmente já teria havido alguma fortaleza em sequência de qualquer castro romano, levantou outro castelo em que se diz ter sido auxiliado pelo prior do mosteiro de Longos Vales, cujo sucessor lá compareceu a depor nas inquirições de 1258. O mosteiro de Fiães não ficou alheio ao ressurgir da vila de Melgaço. Quanto à parte militar vê-lo-emos a seu tempo no desfolhar do cartulário. Vejamos agora a parte religiosa.

Cita-se o ano 1170 como sendo o da fortificação de Lapela e Melgaço. Em 1173, como vimos, D. Afonso Henriques fez larga doação a Fiães nas cercanias de onde nos aparece a Orada. Em 1181 erigiu o município melgaçense com a outorga de um foral, criando assim um aglomerado autónomo dentro da terra e julgado de Valadares, foral que apenas conhecemos pela confirmação que lhe deu D. Afonso II, tendo-se desencaminhado o original.

No traslado que nos oferece a confirmação, aparece a data do foral expressa de modo estranho, ou seja: Era M.ºCC.ºVIII.ºX.º, que em registos posteriores foi substituída por Era M.ºCC.ºXIX.º.

(Continua na 3.ª página)

Da Vila

Outubro, 11.

EOCE ITERUM CRISPINUS...

Vimos em o último número de "A Voz de Melgaço" o plano de actividade da Câmara Municipal deste concelho para o próximo ano de 1959, o qual lemos e — embora modesto, porque modestas são também as receitas municipais — achamos justo e sensato. Estranhámos, é certo, que no mesmo se não tenha abordado o estudo da construção dum mercado coberto, onde, aos sábados, quer na canícula do verão, quer nas intempéries de inverno, vendedores e compradores possam feirar em condições humanas os respectivos géneros; e, estranhámos também que se não tenha incluído a imprescindível pavimentação da Rua de Baixo; mas, quanto a esta — como fizeram as Câmaras transactas — incluí-la no falado plano e deixar as obras no... papel, é melhor assim.

Seja, porém, como for. Pois fomos dizendo que o plano de actividade camarário para o próximo ano de 1959, de maneira geral, nos agrada imenso; sobretudo aquela parte que se refere ao estudo do projecto para o edificio da Caixa Geral de Depósitos, cujos serviços que, segundo cremos, registam uma média anual de cerca de duas mil *entradas* e outras tantas *saídas*, por mal instalados deixam muito a desejar. E outro ponto que no referido plano nos agradou ainda mais do que o precedente foi aquele que se refere ao projecto de um bairro para pobres. Que grande ideia! que grande Obra esta!...

O nome do Presidente da Câmara que em Melgaço tornar esta ideia realidade, há-de ficar — ninguém o devide — nem só gravado a letras de ouro nos anais municipais, como também a soar pelo tempo fora com tanta intensidade como a do som do sino grande de Paderne!...

— ?!...

— O dinheiro? Ora...

Lance-se uma derrama sobre as respectivas contribuições e ver-se-á como ele sobeja...

Crispino

A morte do Sumo Pontífice — Causou a mais viva emoção em todo o Arciprestado de Melgaço a infesta notícia do falecimento de Sua Santidade Pio XII — um dos maiores Papas que passaram pela cadeira de S. Pedro.

Em sinal de luto, as bandeiras de todos os edificios públicos estão aqui a meia adriça, e os sinos de todas as igrejas do Arciprestado choram-nô plangentemente. E há razão para tanto pranto e consternação, pois Ele era nem só o Anjo da Paz como um sábio, um verdadeiro luminar deste conturbado século XX.

Na próxima semana, em dia a designar, far-se-ão, na paroquial igreja desta Vila, exéquias solenes por alma do Pontífice tão sábio e virtuoso como O que Deus se dignou chamar à Sua Divina presença.

Oremos pelo Seu eterno descanso.

Falecimento — Na sua residência, no lugar da Assadira, subúrbios desta Vila, faleceu, no pretérito dia 29 do mês findo, a sr.a D. Ana Cândida de Magalhães Barros, professora aposentada, viuva do saudoso professor António José de Barros e filha de Vitor Manuel Esteves de Magalhães e de D. Maria das Dores Magalhães, já falecidos. Inteligente, bondosa, justa e compreensiva, a sr.a D. Ana, que nos ensinou as primeiras letras, era querida e respeitada por toda a gente.

A chorada extinta era mãe amantíssima das sr.as D. Maria Augusta de Magalhães Barros Rosário, D. Ana Cândida de Magalhães Barros e professora D. Maria Amélia de Magalhães Barros, e dos srs. António Augusto, Alfredo Eurico, Aurélio Augusto e José Augusto de Magalhães Barros, e sogra das sr.as D. Aida Augusta da Costa Barros, D. Idalina Gonçalves da Silva Barros e D. Sara Maria Gonçalves de Barros, e dos srs. sargento Manuel Domingues Rosário e José Cândido de Magalhães, aos quais, bem como a toda a demais família enlutada, aqui apresentamos nossos muito sentidos pésames.

Mercação semanal — No mercado que hoje se realizou, nesta Vila, havia: Milho novo a 11\$00, o meio decalitro; centeio a 14\$00, idem; feijão branco desde 12\$00, idem; feijão rajado a 10 e 11\$00, idem; feijão amarelo (miúdo), a 9\$00, idem; castanhas a 9\$00, idem; batatas a 1\$20 o quilo; cebolas à razão de 1\$50, idem; galos, galinhas, frangos e franguinhos, desde 30, 25, 15 e 10\$00 cada, respectivamente; ovos a 13\$00, a dúzia; sardinhas a 4\$50,

Sociedade

ANIVERSARIOS

Fazm anos: — No dia 18 a sr.a professora D. Julieta da Conceição Costa Braga e o menino José Evangelista Pereira; no dia 20 a sr.a D. Idalina Palmira Domingues Vieites; no dia 21 a menina Rosária da Conceição Colmeiro Pato e o menino Manuel Alberto Gomes de Sousa; no dia 22 a sr.a D. Maria de La Salette Costa Alves; no dia 23 a sr.a D. Maria Augusta de Castro Gomes; no dia 24 a sr.a D. Anésia Esteves da Cunha o jovem Floriano Luís Pereira Rosalino; no dia 26 o sr. Aurélio Augusto Domingues; no dia 29 os srs. Manuel António Marques, Manuel Henrique Alves de Morais e Vasco do Nascimento de Sousa Pinto; no dia 30 a sr.a D. Maria Helena da Rocha Fernandes Pinto Soares, e no dia 31 a sr.a dr.a D. Elisa Pinto Ribeiro.

Casamento — Na Matriz da Vila de Melgaço, realizou-se, no pretérito dia 5, o casamento da menina Maria Belarmina Rodrigues Ribeiro, prenodada filha do sr. Miguel Angelo Lira Ribeiro, benquista industrial de alfaiataria, e de sua esposa, sr.a D. Maria Judite Rodrigues Ribeiro, com o nosso muito prezado amigo e distinto cabeleireiro sr. Hermenegildo Alberto de Sousa, filho do sr. Júlio César de Sousa, acreditado industrial de barbearia e de sua esposa sr.a D. Benvenida dos Anjos Rodrigues de Sousa, cujo acto foi parainfado pela sr.a D. Maria Amélia de Castro Ribeiro e pelo sr. dr. Augusto César Esteves.

"A Voz de Melgaço" faz votos pelas felicidades do novo casal cristão, desejando-lhe um lar muito venturoso e perene lua de mel.

idem; maçãs desde 1\$50, idem; nozãs a 7 e 8\$00, o cento, e bons molhos de nabicas desde \$50 cada.

A broa... — Já era tempo dos senhores fabricantes de broa baixarem o preço da mesma de 2\$80, ao menos, para 2\$50 o quilo, já que há mais dum mês que o sr. Adão Marinho vende o milho a 2\$50 o quilo, e sabido é que um quilo deste rende aproximadamente de quilo e meio daquela... Objectar-se-á que o milho no Grémio da Lavoura ainda custa 2\$75 o quilo, etc.. E' certo; mas... ninguém é obrigado a ir lá adquiri-lo.

Pró igreja Matriz — Está concluído de carpinteiro, encerado e envernizado o novo forro da igreja Matriz desta Vila, assim como também estão já gastos cerca de dezoito contos. Faltando agora apenas que os caiadores actuem e que os generosos fregueses, que ainda não responderam à chamada, digam: presente! Até lá, porém, vejamos a nossa lista:

Transporte anterior 4.432\$50

D. Idalina Correia Pires	100\$00
Anónimo	20\$00
Idem	500\$00
D. Maria Leonor da M. Solheiro	20\$00
Raúl Gomes de Sousa	10\$00
João M. Lourenço	50\$00
Dr. Raúl Soares Machado	20\$00
Fernando C. Rodrigues	20\$00
Listas para o Tríduo	1.057\$00

A transportar 6.230\$00

Ao agradecer a todos os benfeitores em geral, queremos em particular destacar o nosso velho amigo sr. José Rodrigues (Barrenhas) que contribuiu com dois dias de trabalho, uma coisa assim como 60\$00. Ele que vive do dia-a-dia...!

Também desejamos dizer que faltam — mais ou menos — só meia dúzia de contos, que o nosso Rev.do Abade está a dever — não aos operários mas a quem lhos emprestou — os quais Ele muito desejaria saldar antes do fim do ano, se isso fosse possível.

Portanto, amigo! porque esperas?!

O tempo e a agricultura — De 28 de Setembro a 5 de Outubro, fez um inverno terrível, cujo vento, por vezes ciclónico, causou estragos consideráveis, mormente nos milhos mais tardios.

As vindimas estão concluídas e a produção, embora fraca, é superior à do ano transacto em mais do dobro. A qualidade do vinho, porém, é que é de modo geral, inferior: — fraco teor sacarino e consequentemente menor graduação alcoólica. Mas, como sempre, não há-de ficar por beber... — (C.)

Duplo Dever

(Continuação da 1.ª pág.)

ocupando o terreno ainda virgem, antes que a Igreja consiga ocupá-lo. Se não nos apaixonamos por este ideal da dar almas a Cristo e à sua Igreja, é sinal de que é muito débil o nosso catolicismo, é muito pouco o nosso amor a Cristo e à Santa Igreja.

E nós portugueses, que temos nas nossas extensas Províncias Ultramarinas tantos irmãos nossos aos quais é necessário levar a fé cristã, devemos ainda por este segundo motivo procurar ajudar os missionários, rezando por eles, para que Deus os ajude no meio das suas cansaças e trabalhos, e concorrendo com as nossas esmolas generosas neste Dia das Missões para fornecer aos Senhores Bispos das nossas Províncias Ultramarinas meios suficientes, que lhes permitam alargar cada vez mais os serviços religiosos, escolares e assistenciais, que têm ao seu cargo, em benefício dos povos confiados aos seus cuidados pastorais.

E' obra de todos os portugueses, deve ser pois empenho de todos nós.

F. P.

Parada do Monte, 26

(Atrasada na redacção)

Festividade — Foi no dia 14, próximo passado, que se realizou a festa, em honra de Nossa Senhora do Rosário. No sábado houve uma missa às 7 horas da tarde, saindo em seguida a procissão das velas que foi importantíssima, onde ia o ar do de Nossa Senhora de Fátima. No fim da procissão houve a bênção, e no fim um lindo sermão pregado por um eminente orador de Braga, que fez um lindo sermão, sendo queimado no fim do sermão, vistoso fogo de artifício, tocando no fim a música e o alto-falante até as 11 horas.

No domingo, houve uma missa às 7 horas da manhã, e às 11 horas principiou a missa da festa a grande instrumental pela banda de Tangil, subindo ao púlpito um grande orador de Braga, que já tinha feito um

(Continua na 4.ª pág.)

Empregados/as

Para vender nas s/terras e redondezas, Relógios, Lanifícios e Miudezas apresentações e a dinheiro.

Damos ordenado e comissão.

CARTA A UTILITÁRIA
Travessa das Muzas, 37 — PORTO.

Conheçamos a nossa terra

(Continuação da 1.ª página)

Da relação das entidades que no documento confirmaram e da sua comparação com outros documentos régios da mesma época, o Sr. Dr. Rui de Azevedo, ilustre membro da Academia Portuguesa da História, atribuiu-lhe a data de 1183. É precisamente o ano do documento que vamos analisar, mas acontece que o foral é de 21 de Julho, posterior três semanas ao acordo entre os moradores de Melgaço e o Mosteiro que foi em 30 de Junho e no qual já intervém o concílio ou concelho cuja base legal deve assentar no foral. Por isso, pela questão do suceder dos abades, e por mencionar apenas o rei D. Sancho, sou levado a crer que a era deste documento, que é M.CC.XX.I, esteja mal expressa.

Vamos ao seu conteúdo. O abade Martinho de Fiães e seu convento de um lado e o Concílio de Melgaço do outro, fazem o seguinte pacto a respeito da igreja de Santa Maria de Melgaço. O mosteiro tomará conta dela pelo espaço de quinze anos, com o encargo de a reparar (ou reconstruir?) se o puder fazer, e depois dos quinze anos será metade do Concílio e metade do mosteiro em cuja administração continuará sempre, unida e indivisa. Pela vez primeira nos aparece a menção dos juizes, que também intervém no mencionado acordo. Termina assim o documento:

Este pacto fez-se no tempo do rei D. Sancho, tendo Valadares Paio Soares, na sé de Tui o bispo D. Beltrão, arcebispo D. Garcia, em Valadares os juizes que então assistiam João Bezerra e João Góterres. Nós juizes e todo o concelho de Melgaço, a ti Martinho abade de Fiães e a todo o convento, este pacto confirmamos e roboramos.

Assinam: João Bezerra, João Góterres, Nuno Dias, Fernando Gateira e todo o concelho de Melgaço. Tem três testemunhas.

Saltando à toponímica, lembro que na freguesia de Riba de Mouro há o lugar da Gateira, e na de Parada do Monte há o lugar de Chã do Bezerra. Como ambos os lugares estão no extinto concelho de Valadares, poderão ter ligação com os juizes mencionados.

X C

Ainda do ano 1183 temos um documento relativo a Parada do Monte.

O já conhecido grande benfeitor de Fiães Afonso Pais e sua mulher Urraca Dias possuidores da maior parte e os restantes vários consortes ali nomeados, doam ao abade Fernando de Fiães e seu convento, a herdade de Parada, cujos limites são: Mourilhão, Curro de Abril, Ferveça, Parte Águas, rio Medeira fechando pelo Mouro.

São estes ainda hoje os limites da freguesia de Parada do Monte, que nesses recuados tempos estava incluída na Riba de Mouro.

Em 1184, dia das nonas, 7 de Março, vários consortes venderam ao abade D. Fernando e Convento o monte chamado Ludeiros, a partir com a via que vai de S. Cipriano para Mamoa e dali pela pedra escrita do Outeiro, e depois pelo outro Outeiro, a fechar no Minho, exceptuando as pesqueiras. Preço 28 moios e 8 soldos em dinheiro, já satisfeito. (Fls. 14). Deve ser lá para Penso.

A 24 de Outubro do mesmo ano, Pedro Nunes e sua mulher Guncina Nunes, ao abade Fernando, fazem testamento de uma sexta parte em Merelhe (Paços) por suas almas e de seus pais, e por 13 morabítnos. De róbora uma poldra (Fls. 6v/7).

Passando ao ano 1185, voltamos a uma incompreensível diversidade na menção dos abades de Fiães.

De 30 de Junho aparece-nos a fls. 17 um pacto entre o concílio de Melgaço e o mosteiro, documento repetido a fls. 94.

Este acordo, nas suas linhas gerais, é o mesmo que vimos sob o ano 1183, com a diferença de ser o abade Pedro em Fiães, e de se fazer menção do rei Afonso e seu filho o rei Sancho.

Do mesmo ano, encontramos a fls. 14v. um acordo do arcebispo de Valadares Garcia Nunes com o abade Martinho e convento de Fiães sobre o edificio que tem em S. Cipriano (ver ano 1165), trocando-o por uma herdade que o mosteiro tem em Cavaleiros e mais ainda as seguintes obrigações em sua vida:

- Dois morabítnos nes calendas de Janeiro anualmente;
- Poder descansar naquele lugar como era seu costume.

Prado, II

Auspicioso enlace — Na paroquial igreja desta freguesia, realizou-se, no pretérito dia 1, o enlace matrimonial da s.ra D. Ilda Augusta Ribeiro, dilecta filha, da s.ra D. Maria do Céu Gomes Ribeiro e do sr. Amadeu Ribeiro, probo comerciante e encarregado do posto do correio desta localidade, com o sr. Fernando do Egipto Gonçalves, filho do sr. Avelino Rodrigues e de D. Pura Gonçalves, de Paderne — um par bem talhado: ele um perfeito rapaz e ela um lindo botão de rosa.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, sua irmã, s.ra D. Maria Leonor Ribeiro Domingues e seu esposo sr. Albertino Domingues, e, por parte do noivo, o acreditado armazénista sr. Artur Passos Teixeira e sua Ex.ma Esposa, s.ra D. Laura Salgado Esteves Teixeira.

Pindo o acto religioso, que foi muito concorrido por pessoas amigas dos noivos e família, foi servido em casa dos pais da noiva, a cerca duma centena de convidados, um lauto e finíssimo almoço, durante o qual vários convivas, aproveitaram o ensejo para enaltecer os predicados que exornam os recém-casados.

Ao novo casal cristão — que na passada segunda-feira seguiu para Lisboa, onde fixou residência — em meu nome e em o de "A Voz de Melgaço", desejo um lar muito venturoso e que o Céu o cubra de bênçãos.

* * *

Foram descobertos os ratoneiros, autores do roubo de que o nosso amigo Aurélio Augusto Domingues, da Serra, foi vítima na noite de 13 para 14 de Setembro findo, caso que não effectue noticia.

Efectivamente, os ladrilhos não eram estranhos à freguesia... Trata-se de três moços ali de Galvão, cujos nomes, propositadamente, não desejo aqui consignar para os não ferretar para toda a vida; tanto mais que — porque são rapazes ainda novos — com o correctivo que a Justiça não deixará de lhes aplicar, estão muito a tempo de arrear caminho e enveredar pela senda da Honra e da Virtude, tornando-se, assim, verdadeiros homens de bem.

O contrário decepcionar-me-ia profundamente...!

— Com sua Esposa, s.ra D. Maria Edite Natércia Gomes Pinheiro de Almeida, e seu jovem filho Filinto Elísio, retirou para o Porto o sr. Alfredo Peixoto de Almeida, muito digno professor de ensino técnico na referida cidade.

— Também à cidade do Porto regressou a s.ra D. Amélia Lourenço, que na sua casa da Fichoa passou breves dias.

— Para Lisboa, onde mais uma vez foi receber tratamento clínico, seguiu, acompanhada de sua filha, menina Esperança da Glória, a s.ra D. Bonança Delfina Gomes Calheiros de Sousa, esposa do nosso particular amigo sr. Manuel José Gomes da Sousa, digno cabo da Armada.

— Com demora de poucos dias, encontram-se em casa de seus tios, sr. Claudino Augusto Rodrigues e Esposa, o sr. Fernando Correia de Paiva e sua Esposa, s.ra D. Natália Martins Cardoso de Paiva, de Lisboa.

A morte do Papa — Causou aqui profunda consternação a noticia do falecimento de Sua Santidade Pio XII — o Pastor Angélico e Cavaleiro da Paz — cuja espantosa actividade em prol da Cristandade e da Humanidade, nestes cerca de quatro lustros decorridos, não é possível referir em pormenor. Em numerosas encíclicas e em milhares de discursos, abordou e tratou todos e os mais importantes problemas do nosso tempo, e com um conhecimento de causa que bem se vê ter o Espírito Santo falado pela sua boca.

Pio XII era um sábio e era um Santo — um Santo que a Igreja não tardará a canonizar.

Oremos por Ele! — (C.).

Depois de sua morte dêem anualmente uma capa fraterna ao seu protegido de nome Afonso se for clérigo.

Ainda do mesmo ano, ao abade Fernando e Convento, duas escrituras feitas em Novembro por Pedro Nunes e sua mulher Guncina, uma de Ferveça e Oria (fls. 2) e outra do casal de Ludeiros (fls. 10v).

Em cada escritura um carneiro por róbora.

Não compreendo como aparece o abade Pedro em Junho, o abade Martinho em Setembro e o abade Fernando em Novembro. É um suceder muito rápido de abades.

(Continua)

P. e M. A. Bernardão Pintor

Gri... gri... gri

Quando eu era criança...

Com que saudades me recordo daqueles tempos longínquos em que minha Mãe, a pesar de analfabeta, me ensinava toda a doutrina contida na cartilha do Rev. Abade de Salamonde.

Numa das suas primeiras secções figurava a seguinte pergunta:

Quantas e quais são as coisas que um cristão deve saber, logo que chega ao uso da razão?

R. Bem pedir, bem crer, bem obrar e bem receber.

Como não venho para aqui fazer de catequista, seja-me permitido tratar apenas da primeira, e não com o espírito doutrinário, como minha Mãe me ensinava, mas dum jeito que eu cá entendo:

Bem pedir ou saber pedir consiste em procurar as oportunidades e pedir com insistência até receber. Ora a oportunidade de as juntas de freguesia fazerem seus pedidos à C. Municipal creio ser esta, quando o seu digno Presidente promete pedir participações para abastecimento de águas e conceder às J. de F. subsídios para reparação de estradas, fontes e caminhos, e pelo seu plano de actividades, mostrar vontade de actualizar Melgaço.

S. Ex.cia irá tomando nota dos pedidos que lhe forem apresentados, e depois, pelas datas em que eles forem feitos, serão atendidos, segundo as possibilidades. Mas não esqueçamos a insistência, pois, sem ela, muitas vezes, o esquecimento coloca um pesado manto sobre os pedidos feitos, e lá fica tudo como dantes.

Pedir, pois, e insistir, que alguma coisa se conseguirá.

Lembra-se o leitor de que a freguesia de Penso, duma assentada apenas, conseguiu 3 fontes?

E porquê? Porque a Junta daquela freguesia, emquanto outras dormiam, pediu com insistência, e assim, viu realizadas as suas aspirações.

Quando alguma freguesia tenha a pouca sorte de os membros da sua junta terem sido atacados da moléstia do sono, juntem-se 3 ou 4 dos seus principais habitantes e dirijam-se a S. Ex.cia, expondo-lhe as necessidades regionais, que serão bem recebidas.

GRILLO !

Paços, 20

(Atrasada na redacção)

Desastros de viação — No passado dia 13, na curva da Grova, quando em sentido contrário pretendiam ultrapassar a curva, o sr. Abel, soldado da G. Fiscal que seguia em bicicleta foi de encontro à retaguarda do carro conduzido pelo sr. António Lourdes Doureiro.

O sr. Abel partiu uma das clavículas e devido a ir de encontro à berma da estrada fracturou parte do crâneo.

O sr. Lourdes não sofreu qualquer ferimento.

O sr. Abel, após a queda, foi transportado no mesmo carro para o hospital desta vila a fim de lhe serem prestados os primeiros socorros. Chegado aí, devido ao esta-

do melindroso em que estava, foi chamada a ambulância dos Bombeiros de Monção, e seguiu imediatamente a caminho do Hospital Militar do Porto.

Afogado no Rio Minho — Ontem, quando pretendia tomar banho em frente à Pousa, morreu afogado o menor de treze anos, Abílio Esteves, filho do sr. Júlio Esteves e de Judite Esteves, do lugar de Merelhe.

A família enlutada entrava o correspondente os seus pésames.

Verba mais uma vez à Junta da freguesia que estamos na época de arranjar os caminhos, não sendo agora só para o ano, por este tempo.

O que esperam?...

O Sr. António Lobato, quando foi presidente, dava gosto vê-lo neste tempo, com a falta dos caminhos. Ele mandava trabalhar e trabalhava, ele próprio!

Portanto, mãos à obra. A época é boa. Ou estão à espera de alguma verba para o concerto dos caminhos?

A verba que deviam pedir e não estar à espera que lhe ofereçam, era para os fontanários que citei num dos últimos números, principalmente para o da Ferraria, que é de maior necessidade pois esta gente está a colher a água na fonte do lugar, porque na Sobreira há água e na Grova também há! Mas quem a tem chama-lhe sua.

Portanto, senhora Junta, vá tomando conta. —C.

Carta de Lisboa

(Atrasada na redacção)

Dentro destes mais recentes anos o fluxo emigratório para França, tem assumido proporções bastante elevadas e, assim, neste país podemos encontrar vultos oriundos de todas as regiões de Portugal, mas dum modo especial, do norte, os quais executam naquelle país as mais variadas profissões.

Dentro do peito do homem rural continua a habitar uma força magnetizadora que o arrasta para a emigração. Por vezes, ou quase sempre, esta fuga à terra mãe é acompanhada de trágicos accidentes com consequências bastante funestas para o autor dessa mesma fuga.

Porém, nunca desanimam, tendo em mente que o trabalho superabundantemente remunerado, vai fazer face às despesas com o engajador e passador, vindo, depois, a permitir ajudar seus familiares.

E' nisto que nós encontramos os maiores poemas de amor à família!

Não vamos pôr em foco a necessidade deste fluxo dos nossos irmãos para França,

pois que esta necessidade já está convenientemente analisada; porém, se o não estivesse, estava patente aos olhos de todos.

Não se pode avaliar ao certo quantos portugueses se encontram em França, pois que a maior parte deles atravessou a fronteira clandestinamente.

As autoridades policiaes empregam e desenvolvem a sua maior actividade, procurando pôr fim a esta situação.

No nosso modesto pensar, julgamos que a proibição emigratória não deve ser o caminho mais acertado; antes, pelo contrário, se devia proteger e facilitar a emigração, não só atendendo à necessidade de tal acto, mas sobretudo, procurando evitar ao emigrante os degraus desse calvário por terras de Espanha, do qual só lucram os passadores e enganadores.

Afigura-se-nos um grande mal querer continuar a desconhecer esta evidente realidade.

Analizemos a forma como essas engrenagens de passadores com suas montagens fantasmagóricas conseguem esforçar as algebeiras do emigrante tão avultadas quantias.

Se conseguissem passar, o mal era a transgressão e o dinheiro ao enganador; mas, na maior parte das vezes, o paciente de tal acto nunca vê terras de França. Isto leva-o a repetir a façanha, que, quase sempre, fracassa; daqui começa uma verdadeira reacção em cadeia com successivos desastros que infelizmente atraino o emigrante para a miséria. E conclusão: não vê a França, e, para cumulo, fica cravado de dívidas. Quer dizer, a última situação é pior do que a primeira.

Tudo isto seria facilmente evitado se abrissem as fronteiras e fosse permitida a emigração à plena luz do dia facilitando os respectivos documentos a todo e qualquer desejoso dessa nova terra de promessa. Com isto dar-se-ia mais pão e alegria a tantos lares que cada ano que passa, muitas vezes, um ano de simples ilusão; de igual modo se evitaria que muitos portugueses fossem usurpados por gente sem escrupulos.

Falta-nos, infelizmente, competência para analisarmos bem este assunto; por, porém, o que deixamos arquivado é a expressão sincera do nosso simples sentir e é, também, ir de encontro à satisfação de desejos e sonhos de tantos portugueses que, embora de condição humilde, desejam, à custa do seu suor, ter um lar cheio de pão e felicidade.

Oxalá estas nossas humildes palavras encontrem em

Parada do Monte

(Continuação da página 2)

sermão na véspera e que muito agradeo, pois este orador nunca viera cá pregar. No fim da missa, saiu uma imponentíssima procissão onde se incorporaram lindos figurados. De tarde houve arraial, divertindo-se a mocidade até à noiteinha, recorrendo tudo na melhor ordem. E muito contribuiu um brilhante dia de sol para abrinlhantar a festa.

Curiosidades — Consorciaram-se os nubentes: Manuel Rodrigues, do lugar do Carrascal, e a menina Amélia Vieites de Carvalho, do lugar da Trigueira, e o sr. Joaquim Esteves, do lugar da Trigueira, e a menina Pureza Gonçalves Fontes, do lugar do Chão de Bezero.

Aos noivos, que são dotados de excelentes dotes físicos e morais, desejamos uma perene lua de mel.

Escadas do Adro — Já se encontram concluídas as escadas do adro, que ficaram muito bem. Agora o Sr. Abade tem em projecto, o soulo da Igreja que também, com o tempo, se realizará. Pois é duma extrema necessidade.

Partidas — Para Braga, onde comprou uma quinta, partiu o sr. Justino Lucena e sua esposa, do lugar da Lagarteira.

—E para Vila Verde, onde comprou outra quinta, partiu o sr. António Rodrigues e sua esposa.

Tanto a um como a outro desejamos muitas felicidades nas novas terras que vão possuir.

Falecimento — No dia 8 faleceu o sr. Manuel Vieites, do lugar de Carrascal. A família enlutada apresenta-nos as nossas sentidas condolências.

Defesa Civil do Território

Continuação da 1.ª página

ção dos voluntários só serão eficazes se forem orientados pela Defesa Civil do Território.

Não espere para amanhã! Inscreva-se, imediatamente, num curso da D. C. T. Lisboa, 11 de Setembro de 1953.

Vende-se

Chaflet do Outeiro—Pousa, com boas terras e contadas. Tratar com a proprietária.

em corações compreensivos e conhecedores de tão dramático acto — a emigração para França.

Efemérides

A PNEUMÓNICA DE 1918 EM CHAVIÃES

A mortífera epidemia de 1918, em Chaviães, de 4 de Setembro a 20 de Novembro, causou vinte vítimas que por ordem cronológica tais foram:

Em 4 de Setembro, Palmira Augusta Lopes, de 15 anos, filha de Vitorino José Lopes e da sr.a D. Maria Rosa Cortes, do Cortinhão.

No dia 11 de Outubro, Jaime Francisco Rodrigues, de 33 anos, filho de João Domingues Rodrigues e de Ana Rosa Maceira, da Portela.

No dia 20, Rosa da Conceição Alves Ramos, de 20 anos, filha de António Joaquim Alves Ramos e de Carolina Rosa Meleiro, da Bouça.

No mesmo dia 20, Claudina Rodrigues, de 50 anos, filha de Manuel José Rodrigues e de Clara Rosa Alves, da Portela. Foi casada com Francisco Manuel de Sousa.

No dia 22, Almerinda de Nazaré de Sousa, filha de Francisco Manuel de Sousa e de Claudina Rodrigues, da Portela.

No dia 25, Albertina Rosa Vasques, de 28 anos, filha de Manuel Maria Vasques e de Rosa Gomes Monteiro, da Fonte.

No dia 28, Domingos José Lopes, de 22 anos, filho de José Joaquim Lopes e de Maria José Vaz, de Gondufe.

No dia 29, Encarnação Alvarez, galega, filha de Francisca Vasques, de Parada.

No dia 30, José Augusto Alves, de 24 anos, filho de Vitorino José Alves e de Maria Florinda de Araújo, também de Parada.

No dia 2 de Novembro, António Joaquim Afonso, de 36 anos, filho de Miguel António Afonso e de Miquelina Rosa Gomes, do Vale. Foi casado com Delfina Fernandes.

No dia 3, Maria Rosa de Araújo, de 47 anos, filha de José de Araújo e de Maria Marcelina Fernandes, da Nogueira.

No mesmo dia 3, Manuel Joaquim Vaz, de 86 anos, filho de Joaquim Vaz e de Maria Joaquina Domingues, de Parada. Era viúvo de Clara Rosa Esteves.

No dia 4, Maria José Fernandes, de 55 anos, filha de Manuel Inácio Fernandes e de Ludovina Joaquina Gomes, da Nogueira.

No mesmo dia, Cândida Rosa Cortes, de 42 anos, filha de António Luís Cortes e de Balbina de Castro, de Gondufe. Foi casada com António Joaquim Pires.

No dia 5, Rosa Joaquina Rodrigues, de 38 anos, filha de António Joaquim Rodrigues e de Maria Luísa Domingues, da Nogueira. Foi casada com António Joaquim Fernandes.

No dia 6, Ludovina Vaz, de 29 anos, filha de José António Vaz e de Ana Joaquina Alves, do Escuredo. Foi casada com Aníbal Alves.

No dia 7, Ludovina Joaquina Gomes, de 78 anos, viúva de Manuel Inácio Fernandes, da Nogueira.

No mesmo dia 7, Teresa de Jesus Fernandes, de 44 anos, filha dos precedentes e casada com Feliciano de Jesus Rodrigues. Tem uma neta em Prado: Maria Alice Gonçalves, por ser filha de Manuel Gonçalves e de Virgínia Leonídia Rodrigues.

No dia 10, Angelina Pires, de 50 anos, filha de José Pires e de Josefa Rosa Pereira, do Vale. Foi casada com Manuel José Alves.

No dia 20, Maria da Luz Esteves, de 79 anos, filha de Diogo Manuel Esteves e de sua 1.ª mulher Maria Rita Esteves, da Baralha. Foi casada com Francisco Alves.

E neste fatídico ano não houve mais óbitos em Chaviães.

Mário